

POESIA: UM CASO PESSOAL

Diva Cunha
(UFRN; Academia Norte-Rio-Grandense de Letras)

Meu caso com a poesia é feito de longas esperas, algumas recusas, desejo e paixão.

Procurei o poema lá fora e me perdi no caminho. Um dia descobri que o inexplicável mistério da criação é um acontecimento solitário e íntimo.

A poesia é uma dama secular, que exige fidelidade e dedicação. Para ser admitida em seu reino é preciso estar consciente dos deveres e riscos do ofício e submeter-se aos sacrifícios rituais que cercam seu culto.

Essa não é uma declaração romântica e ultrapassada; é a postura realista de quem vivencia o compromisso assumido e sabe seu valor.

O exercício cotidiano da arte poética pede estudo, disciplina, muita paciência e fé nesse ministério.

Um dia o sol do poema rasga o horizonte e afirma-se na página histórica, transfigurando-a. Epifania libertadora! Iluminação!

Depois tudo recomeça novamente: o silêncio, a solidão, o estudo aplicado, a busca dos sinais e das trilhas que levem ao lugar do encontro marcado da pessoa consigo mesma. Breve minuto de esplendor, fusão dos muitos eus que nos habitam e possibilitam uma nova revelação. Revelação que não é da ordem do sobrenatural, mas é captada pelos sentidos e inscreve-se no mundo. Luz íntegra do olhar, que inaugura o objeto, desvelando as faces escondidas.

Traça

Louvo a traça
que deixa o rastro
para que se leia
o livro da vida
na delicada teia

(Resina, p. 36)

Nasci e cresci numa cidadezinha provinciana e periférica do Brasil: Natal. Estudei num colégio de freiras, onde as mais elevadas leituras eram os livros devotos e *Poliana Menina e Moça*. Salvou-me desse estado de precariedade restos da biblioteca de meu avô, dentista baiano que escrevia versos e tocava bandolim. Eu lia, sem método ou orientação, poetas e prosadores românticos brasileiros. O ritmo do verso romântico contaminou até meus sonhos.

Quando entrei no curso de Letras, com dezoito anos, já levava uma obra completa: um caderno de arame, com mais de trezentos poemas, que passou de mão em mão, entre alunos e professores. Falaram até em publicar um livro, porém eu, àquela altura, conhecia um pouco mais da poesia brasileira, principalmente dos mestres de toda a vida – Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade –, e tinha consciência da fragilidade teórica de meus textos. Preferi esperar.

Casei antes de terminar a faculdade e abandonei o “cadernão de versos” na casa de meus pais. Ele acabou desaparecendo entre velharias esquecidas num quarto de despejo. Essa perda hoje me entristece muito: queria de volta meus poemas adolescentes, pois, quem sabe, poderia salvar alguma coisa e conhecer melhor a evolução de meu trabalho poético.

Formada, o destino encaminhou-me ao lugar certo, porque fiz concurso para professora auxiliar de ensino de Literatura Portuguesa do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e fui aprovada em primeiro lugar. A alegria da vitória foi contaminada pela preocupação: era muita responsabilidade e eu não me sentia preparada para tanto. Dediquei-me ao estudo da literatura portuguesa e hoje reconheço que esse magistério foi fundamental para minha aprendizagem. A leitura sistemática das obras dessa literatura, principalmente a poesia, levaram-me a refletir com seriedade sobre o tema. Creio até que, naquele tempo, parei de escrever, ou que escrevi muito pouco. Aprendi que a poesia não pode ser feita apenas do desejo e da inspiração; ela pede muito mais: conhecimento da tradição, das técnicas, disciplina e estudo.

Em 1974, fui para o Rio de Janeiro fazer mestrado na Pontifícia Universidade Católica, onde fui aluna de conhecidos intelectuais, como Cleonice Berardinelli, Vilma Arêas, Silviano Santiago, Luís Costa Lima, entre outros, e entrei em contato com as novidades teóricas que embasavam os estudos literários da época. Em 1978, defendi a tese *D. Sebastião: a metáfora de uma espera*, sobre o sebastianismo na literatura

portuguesa. Essa tese foi publicada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1979.

Meu primeiro livro de poesia, *Canto de Página*, só foi publicado em 1986. Eu não era mais uma poeta adolescente: já estava no ponto de ser colhida:

amadureço meus trinta e sete
cantos, frutas nos quintais
dos vizinhos
a cidade ainda pérola
no pescoço da madrugada
não me vê insone
amestrando versos entre cólicas
e espirros

amadureço ou amanheço?
(*Canto de página*, p. 25)

é de verde lodo
esta tarde
círio que arde
e invade
a pele que me
cabe

a tarde cai como uma
folha seca
mais que de verde ainda se
sustenta

desta janela
ela é menos velha
que vista palmo a palmo
é luz de luz dourada
é verde ainda que
tarde
(*Canto de página*, p. 57)

do ventre aberto
do dia
nasce a manhã
peixe podre
que se debate
entre a areia e o céu
da cidade
litoral

sangra as minhas veias
este barco à deriva

mastro
gaivota suja
e sem horizontes
à vista

o anjo volátil da areia
cimenta couraças marinhas
no seu casco

(*Canto de página*, p. 63)

O conjunto de textos que compõe esse volume foi escrito e reescrito nos anos anteriores a sua publicação. Aprender a cortar as partes moles dos poemas não é tarefa fácil: exige a perícia e a paciência de um bom cirurgião, aliadas à sensibilidade de um esteta. Muitas vezes, o poema é escrito de uma só vez, e a amputação de um membro, quer seja palavra, verso ou estrofe, parece deformadora e quase impossível. Não é: a limpeza é necessária, para deixar fluir a respiração do corpo poemático, que, vivo, desprende-se do criador e ocupa seu lugar no mundo, entrando na história. Nesse processo de enxugar o texto, algumas questões se colocam: quê cortar? como cortar? deve-se acrescentar algo no lugar do que foi cortado? e o que acrescentar?

A arquitetura de palavras é delicada e qualquer deslize do pulso inseguro é ventania, e pode derrubá-la

Num sábado, há muitos anos, logo que acordei, ainda sentada na cama, peguei o caderno que guardava na mesinha de cabeceira e escrevi o poema abaixo, de uma vez só:

“Minha mãe diz
que eu sou da pá virada
da vida torta

os modelos dela são outros:
santa Terezinha do menino Jesus
santa Rita de Cássia,
santas

fora as santas domésticas
que foram sacrificadas
no dia-a-dia
e ninguém viu
sangradas como galinhas
maceradas em vinha d’alhos
postas a dormir no sereno
para secar odores
enfurnadas como bananas verdes
esfregadas nos ladrilhos

claros dos banheiros
 costuradas em botões de quatro furos
 esbofeteadas e sacudidas
 como colchões e almofadas
 para desprender o pó das horas

secaram todas
 nos linhos brancos
 dos lençóis bordados
 ao morrer, não morreram
 entregaram a alma a Deus,
 que provavelmente não as perdoou
 pelo gasto inútil
 que fizeram dos seus talentos.

(Canto de página, p.76)

Esse poema nasceu de uma única contração, mas era fruto de muitas dores. Há muito tempo eu pensava no tema: mulheres dóceis – domesticadas - *versus* mulheres inquietas – selvagens -, que abalavam o sistema estabelecido. Minha mãe fazia a apologia das santas, com provérbios e ditados, querendo catequizar-me. O poema é a resposta dolorosa à impossibilidade de agradá-la, adequando-me aos seus modelos. É, também, uma reflexão sobre a história de nosso sexo, suas derrotas seculares e vitórias tão recentes.

A valorização, pelos estudos feministas, da literatura escrita por mulheres foi muito importante e me ofereceu fundamentação teórica para discutir, dentro do texto poético, essas questões tão significativas para todas nós. Não perdi tempo e escrevi para a família toda:

a minha avó
 não sabe
 a culpa que lhe
 cabe
 eu ser assim
 um bicho
 com outro bicho
 atrás de mim

a minha avó
 não sabe
 o preço do desejo
 preso
 flor sufocada
 em cambraias estampadas

nas mãos de minha avó

um terço
terça armas
contra meus demônios

por minha avó
padeço e gozo
duplamente
na carne magoada

(Canto de página, p.82)

a minha tia
guardava entre as pernas
uma flor
que ninguém desfolhava
porque ainda era cedo
porque já era tarde
porque não deixavam

minha tia morreu
sua flor seca e sem uso
são pétalas nas bocas vizinhas
que colhiam
e não cheiravam

(Canto de página, p.78)

A possibilidade de participar da história literária como sujeito, de tratar de temas até então considerados menores, porque retirados da vivência cotidiana, e de denunciar o autoritarismo patriarcal, tão perigoso, por sua ambiguidade, foi decisiva para a evolução de meu projeto poético, ao anular as sensações de deslocamento e impropriedade que tanto me incomodavam.

Se o magistério em Literatura Portuguesa ofereceu os modelos teóricos e a literatura feminina libertou-me dos medos, a descoberta da literatura potiguar ofereceu a emoção que me faltava.

Até o início dos anos de 1980, a literatura norte-rio-grandense era quase desconhecida pelos potiguares. O cenário era desolador: obras de referência esgotadas, falta de informações biográficas sobre os autores, ausência de crítica especializada e precariedade de bibliotecas e outras instituições culturais. Alguns intelectuais empenhavam-se, principalmente através da imprensa, em divulgar a produção local, mas a desinformação era quase generalizada.

A descoberta dessa literatura, de seus autores e obras, foi decisiva para mim. Eu não estava sozinha: pertencia à linhagem dos poetas potiguares e escrevia, juntamente

com meus conterrâneos, sobre temas particulares, relativos a nossa nordestinidade, e temas de interesse geral. Essa certeza neutralizou a sensação de desenraizamento e desconforto vivenciada por todo aquele que escreve isolado nas províncias, sem repercussão nos grandes centros culturais do país.

Arrumo os livros na estante. A mão escorrega no dorso dos volumes: Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, e tantas outras paixões. Um deles me chama. A lembrança de um verso insiste. Resisto ou entrego-me ao fluxo da corrente? Eis o dilema: parar e usufruir, ou relutar, inventar obrigações, sair correndo?...

Ler poemas é mergulhar de cabeça num outro mundo. Mundo melhor, recriado pelo poder das palavras.

Ler poemas é semear-me de sementes alheias, que, antropofagicamente digeridas, renascem metamorfoseadas, num movimento dialético de paixão e rejeição.

Exemplifico essa “angústia da influência”,¹ como chamou Harold Bloom, contando meu caso com a obra cabralina.

Como todo aspirante a poeta, conheci a obra de João Cabral aos vinte anos, mas, com exceção do *Auto Vida e morte Severina*, que estava de acordo com meus ideais revolucionários, nada mais me tocou. Na verdade, a poesia cabralina me parecia impenetrável, difícil, uma antipoesia, para quem, como eu, se encharcara de poemas românticos nos primeiros anos de leitora. No meu segundo livro, *Palavra estampada* (1993), dedico a Cabral um poema, que tem por objetivo apontar nossas incompatibilidades, como vocês podem ver abaixo:

1. Aflita
2. com as mãos molhadas
3. entro no poema

1. não tenho amigo
2. a ciência
3. com que secas o afeto

1. sou antes
2. um lenço
3. torcido de tanta dor²

¹ BLOOM, Harold. *A angústia de influência*.

² CUNHA, Diva. *A palavra estampada*.

Meu reencontro com João Cabral aconteceu, anos mais tarde, na Espanha, quando, cursando o doutorado na Universidade de Barcelona, escolhi como tema de tese a *Revista de Cultura Brasileña*. Essa publicação da embaixada do Brasil em Madri é fruto do trabalho de intercâmbio cultural realizado pelo poeta pernambucano durante sua longa estada naquele país. Refiz, então, o percurso de Cabral nas várias cidades espanholas em que ele residiu e reli com outros olhos sua obra. O resultado dessa imersão no universo do poeta não se fez esperar e, em pouco tempo, comecei a imitá-lo, intimá-lo, provocá-lo, numa gama de abordagens contraditórias, que iam da admiração à inveja e à paixão. O conjunto de poemas denominados “*Cabralinas*” foi publicado na segunda parte do volume *Resina*, com o subtítulo de *Travo & Paixão*.

Leio alguns deles para vocês, começando com uma quadra, que abre o conjunto, à maneira de epígrafe:

Para o bem
para o mal
todos imitamos
João Cabral.

As *Cabralinas*, propriamente ditas, começam com o seguinte poema:

João Cabral
sua poesia
me dá coceira
sou mais
o seu avô
Manuel Bandeira

E, no *Cabralinas* número 2, escrevo:

Larga do meu pé, João, Juan, Joan
larga o meu tendão de Aquiles
cachorro magro, nordestino.

Larga da minha escrita frouxa
que não tem facas
na boca.

Larga de mim que me afino
larga roupa em corpo mínimo.

(*Resina* – Travo & Paixão)

Enfim, assim escrevo e me faço herdeira daqueles que amo, venero e persigo, num movimento intertextual de enxerto, colagem e criação. Porém, pago fielmente as minhas dívidas:

Dividas

Em busca de Cabral
dou de cara com Murilo

Cabral me golpeia
Murilo enxuga meu pranto

aonde anda Manuel
meu muso de papel?

queria drummonear
plena de sutilezas irônicas

só uma Cecília
me salvaria do naufrágio.

(“Travo e Paixão”, p. 85, *Resina*)

Nota do Editor:

O livro *Resina* (Natal: Una, 2009) é uma reunião da obra poética de Diva Cunha. Livros de poesia publicados anteriormente: *Canto de página* (1986), *A palavra estampada* (1993), *Coração de lata* (1996), *Armadilha de vidro* (2005).